

GUASÚ E USÚ, NA DIACRONIA DAS LÍNGUAS E DIALETOS TUPI-GUARANIS

FREDERICO G. EDELWEISS

IV

GUASÚ, USÚ E ASÚ

NO LIVRO DE JOÃO DE LÉRY

(Continuação)

A despeito do longo colóquio, os aumentativos em Léry não ultrapassam em número os contidos nos escritos de Thevet. Em compensação, são todos identificáveis, o que não acontece com os de Thevet, colhidos em áreas muito dispersas (1).

O significado dos aumentativos empregados por Léry é sensivelmente esclarecido pela grafia mais regular do que a de Thevet e pelas definições que os acompanham. Nessa tarefa contou com a permanência algo mais longa na Guanabara (2), ajuda mais eficiente, certamente obtida por sua curiosidade natural pelo dialeto tupinambá. Mas, o mérito principal de Léry consiste menos em ter aprendido um pouco de tupi, do que em ter assimilado o suficiente para consignar com algum discernimento aquilo que lhe iam comunicando os intérpretes, a cuja colaboração, aliás, alude repetidas vezes.

(1) Os que para este trabalho nos interessam são: *Les Singularités de la France Antarctique; os capítulos referentes ao Brasil na sua Cosmographie Universelle e alguns escritos outros publicados no livro de Suzanne Lussagnet — Le Brésil et les Brésiliens*; Paris, 1953.

(2) Léry chegou à Guanabara no começo de março de 1557 e dali se retirou a 4 de janeiro de 1558. Thevet permaneceu no Rio de Janeiro de 14 de novembro de 1555 a 31 de janeiro de 1556.

Quanto à forma, somam pelo menos dezessete têrmos em *gūasú* (*ouassou*), nove em *usú* (*ousou*) e um em *asú* (*assou*). O emprego de *gūasú* obedece, com apenas uma exceção, à regra anchietana; nos em *usú* há duas discrepâncias, enquanto a única palavra em *asú*, *taiasú* — *porco-domato*, tem forma idêntica em todos os autores (3).

Sendo, pois, como dissemos, reconstituíveis todos os aumentativos empregados por Léry, embora em diversos haja letras trocadas, provavelmente pelo próprio Léry ao tomar as suas notas e principalmente ao tirar a limpo, tanto as suas, quanto as de outros, longe dos seus informantes, julgamos proveitoso aos estudantes transcrever tôda a série e comentar-lhe as divergências e interpretações.

Baseamo-nos para tal na edição de Gaffarel, por ser ela mais acessível ao estudiosos. Só o fizemos, porém, depois de comparar a transcrição dos vocábulos tupis com as formas da terceira edição francesa, de 1585, e as da primeira edição latina, de 1586. Na parte tupi as duas se completam. A latina, em geral algo inferior à francesa, ainda que lhe corrija uns poucos têrmos, serviu de base a Batista Caetano de Almeida Nogueira nas suas "correções" (4) do *Diálogo de Léry*. Essas tais "correções" merecem um lugar de destaque na lista das interpretações mais infelizes já cometidas em lingüística comparada, por falta de conhecimentos do tupi, ao qual votava indisfarçado desprêzo. Desgraçadamente, foram essas "correções" que serviram à feitura da tradução brasileira, de 1941 (5).

Advertimos os pouco familiarizados com o tupi, que *gūasú* e *usú* tanto são adjetivos como advérbios; mas apenas num dos exemplos *gūasú* tem função adverbial.

Têrmos em "Gūasú" (6)

Grafia de Léry

	O têrmo tupi em Grafia Fonêmica	Tradução
Acara-ouassou (fr. II, 2, 27)	— akará-gūasú	— acará-guaçu (peixe);
camouroupouy-ouassou (fr. II, 2, 127)	— kamurupy-gūasú	— camaripu-guaçu, pirapema (7);
commanda-ouassou (fr. II, 27, 126)	— kumandá-gūasú	— fava grande (8);

(8) Compare a nota 19, no capítulo dedicado a João Staden.

(4) Nos *Ensaio de Ciência*; II, pp. 1-132; Rio, 1876.

(5) Jean de Léry — *Viagem à Terra do Brasil*; São Paulo, s.d. (1941).

(6) Léry escreve ouassou, ora separado, ora unido, ou ainda ligado por hifen. Unificamos a grafia nesse ponto, usando sempre o hifen. A indicação do volume e das páginas em Gaffarel é precedida de fr, e da edição brasileira por br.

(7) Marcgrave escreve camaripuguacu (p. 179). Na tradução brasileira falta advertir que a grafia ouy de Léry corresponde ao nosso y. Na edição de Gaffarel o nome é citado em três grafias (II, 2, 127). Na terceira edição francesa só vem kamouroupony, que corresponde a kamurupy em nossa grafia.

(8) Damos o sentido ao pé da letra, por falta de identificação. É numerosa a variedade de favas grandes. (Cap. 18 e 20).

conomi-ouassou (fr. I. 125; II. 31; br. 101, 169)	— kunumí-guasú	— mōço (9);
co-ouassou (fr. II. 132)	— ko-guasú	— roça grande;
hu-ouassou (fr. I. 74)	— y-guasú	— rio grande;
iacou-ouassou (fr. I. 71; II. 127)	— iakú-guasú	— jacu-guaçu (10);
iassi-tata-ouassou (fr. II. 133)	— iasy-tatá-guasú	— estréla grande, o planeta Vénus;
maracca-ouassou (fr. II. 129)	— maraká-guasú	— maracá grande, sino, campa (11);
moca-ouassou (fr. I. 175; br. 138, 252)	— mokab-usú	— bombarda, canhão (12);
morgouia-ouassou (fr. II. 20, 126, 129, 143)	— murukuia-guasú	— maracujá grande, laranja, limão (13);
oura-ouassou (fr. II. 128, 142)	— gūyrá-guasú	— ave grande, ave de rapina;
págé-ouassou (fr. II. 116, 125)	— paíé-guasú	— pajé grande (14);
pirá-ouassou (fr. II. 2, 142)	— pirá-guasú	— peixe grande (15);
puiassa-ouassou (fr. II. 7, 134)	— pysá-guasú	— rēde grande, rēde de arrasto (16);
se-ouassou (fr. I. 160/61, II. 127)	— sy-guasú	— veado (17);

(9) Não atinamos com o motivo que levou os responsáveis pela tradução brasileira a escrever curumim, com r, quando Léry prefere n, tal qual os jesuitas. E, por que assim, que no caso não é tupi e não é de Léry. (cap. 8 e 14).

(10) Também aqui a tradução brasileira substitui a forma certa pelas erradas: aqú (p. 135) e ugu (p. 254).

(11) Os jesuitas consignaram itá-maraka — maracá de metal, que é mais descriptivo, embora não alude ao tamanho. (cap. 20)

(12) O aumentativo ocorre no cap. 11 e o termo simples à p. 124, vol. II. mocap, mororocap, isto é, mokaba, mororokaba. É a única forma entre os aumentativos em guasú mal apanhada por Léry, pois não sendo o vocabulário simples terminado em vogal acentuada, o aumentativo só pode ser formado com usú. O comentarista da edição brasileira só não corrigiu, em nota, o deslize de Léry, porque certamente ainda desconhecia a regra taxativa do emprego de guasú e usú. (cap. 11 e 20)

(13) Há uma variedade de maracujá, o murnukná-guasú, cujo nome os tupinambás do Rio aplicaram à laranja e ao limão trazidos pelos portuguêses. No Vlb. laranja é ybá-alá (fruta ácida) ou ybá-luba (fruta amarela), enquanto o limão também é designado por ybá-alá. O termo ocorre às pp. 161, 253, 255 e 268 da tradução brasileira; quatro vezes, e cada vez escrito de maneira diferente!! morgania, marakujsá, mogujá e morgujsá. E o comentarista, ainda por cima, acha que morgania deve ser morganiba e até lhe dá uma etimologia!! Entretanto, na 3.ª edição francesa, vem quatro vezes morgouia, ou seja morguia (= murukuí) em nossa grafia (pp. 196, 352, 356 e 379). A despeito disso Gaffarel traz morgania (II. pp. 20, 126) e morgouia (II. pp. 129 e 143).

(14) Parece que os tupinambás pronunciavam pajé. Pelo menos é o que se deduz das grafias de Léry e Evreux. (br. pp. 221 e 252).

(15) Embora só ocorra pirá-usú, o comentarista achou conveniente mostrar o seu desprezo pelos ensinamentos dos mestres, escrevendo pirá-usú, à p. 277. (br. pp. 147, 268, 276 e 277).

(16) Por que substituiu o comentarista o certo de João de Léry, pysá-usú, por pysá-usú? à p. 260. Veja abaixo a nota 18.

(17) Léry merece uma medalha pelo só registro desta palavra, em torno à qual, há décenios, se vêm tecendo os comentários mais estapafúrdios, a comentar pelas etimologias fantasadas de Martius, e de Batista Caetano no verbete

sobouy-masson (18)
(fr. II. 124)
ynambou-ouassou
(fr. I. 172, II. 127)

— soby-guású — inambú-guású

— são verdes (18);

— inambu-guaçu (19);

Térmos em "Usú"

arignan-oussou
(fr. I. 170)
che remiac-oussou
(fr. II. 138)

— arinhama-usú — xe remiausuba

— peru (20);

— meu escravo (20A);

guású do seu Vocabulário, onde, aliás, modifica a sua opinião anterior, manifestada no Diálogo de Léry: sá-usasú (por esá-usasú — olho grande) embora não de a tradução. (Ensaio de Ciência, II. p. 29).

O vocabulário jesuitico dá para veado o vocábulo sygúasú, que Léry ratifica plenamente na sua grafia. Uma forma dialetal de sygúasú é sugúasú, porque o y tupi se transforma a miúdo em u. Encontramo-la um tanto disfarçada em cuguacu, no livro de Marcgrave (pp. 234-35). De sugúasú para suasú, talvez por influência dos mestiços e colonos, o passo é pequeno. Esta forma secundária, suasú, parece ter-se desenvolvido desde cedo, pois já se encontra em Cardim e Gabriel Soares de Sousa. Ambos são bons informantes, mas não autoridades por si só em minidências lingüísticas. A transformação pode ter tido origem mesmo entre os tupis, pois nota-se em certos vocabulários muito usados singular tendência à contração.

Assim, ybyrapara, de ybyrá — pau, vara e de apara — curvo, vergado, já no tempo de Anchieta se havia contraído em urapara, onde notamos também a apofonia de y para u. Alternâncias semelhantes verificam-se no guarani, onde, por contração, temos guású por sygúasú (!) e onde os térmos para arco — gýrapá e apá (!) seriam desnorteantes sem a comparação com o primitivo ybyrapara, que lhes deu origem e os define.

Entretanto, é fato irremovível que suasú se firmou; generalizou-se no brasileiro, no seu descendente, o nheengatu e, finalmente, incorporou-se no português do Brasil. Mas, do seu desenvolvimento é fácil deduzir, que a etimologia soó-asú — animal grande, caça grande não passa de dilettantismo à margem do termo primitivo, reles etimologia popular.

Se, depois dessas considerações passarmos a examinar a tradução brasileira de Léry, na parte referente ao vocábulo a que ora damos revista, teremos uma surpresa inacreditável. Deturparam-no duplamente, alterando se-ouassou para soó-usasú a p. 125 e para suasú a p. 253. Nem ao menos foram consequentes. Além disso, a nota 251 contém flagrante inverdade. Soasú nunca existiu no guarani antigo! Por outro lado, é indesculpável afoiteza o trazer testemunhos nheengatus em apoio de uma etimologia, quando nem se alude à forma antiga, quase correta, de Léry, corroborada pelo vocabulário jesuita. E, vã alguém se flar numas tantas traduções nacionais!

(18) Em Léry o y tupi vem às vezes representado por ouy, como em soubouy e camaroupony; outras vezes por ui, como em puissa. Oby (soby, roby) tanto significa verde como azul. Pelo colóquio de Léry se vê que os tamboios, para evitar a ambiguidade, designavam azul por oby-esté e verde por oby-guású. Masson é erro de transcrição por ouassou.

(19) Inambú vem nos dicionários guaranis traduzido por perdiz. No vocabulário tupi dos jesuitas é aplicado às codornas e mhuápupé às perdizes. Ambas as traduções se baseiam apenas em alguma semelhança.

(20) Thevet (Singularidades, p. 224) registra arignane — galinha, que em Léry é designada por arignan-mirf. E, pois, natural que os tamboios chamassem o peru de galinha grande — arinhama-usú. O Vlb. apelida a galinha de gýrapá-sapukafá e o peru, por idêntico raciocínio, gýrapá-sapukal-usú. Notemos, porém, que Anchieta, no Auto de São Lourenço, verso 341, grafia arinhama. Temos ai com certeza um iberismo (galinha, gallina = arinhana, arinhama) perfilhado pelos tupinambás da Guanabara, mas no qual a sílaba final parece ter oscilado entre na e ma. O Auto de São Lourenço é da penúltima década do Quinhentos. Anchieta pôs no caso em prática para o léxico do Auto o ajustamento ao uso local, que, na sua gramática, aconselha quanto à morfologia. Também aqui a tradução brasileira troca usú por asú.

(20-A) A tradução brasileira (p. 264) limitou-se, como quase sempre, a repetir a interpretação de Batista Caetano (Diálogo de Léry, p. 74). Mas, que essa reconstituição deixou o intérprete um tanto desaiventado, se vê na sua nota,

leryoussou (fr. II. 101, 123)	— reri-guasú	— ostra grande (21);
ourauh-ousou (fr. II. 129)	— gyryá-ab-usú	— pena grande de ave (22);

78 (p. 129) dos *Ensaio de Scienzia*. Traduzido literalmente, *xe rembiar-usú* é o meu capturado grande. Porém, como na tradução de Léry: meu escravo, não há nada que justifique o adjetivo *usú* — grande, cabia, antes do mais, examinar os vocábulos que no tupi correspondem a escravo. Batista Caetano teve certamente a lembrança; entretanto, a sua ideia fixa unitária e o seu profundo desprazo pelas formas tupis o devem ter levado a examinar exclusivamente os dicionários guaranis. Nos de Montoya terá, assim, visto e comparado os verbetes *temblayhu*, b. — escravo e *che remblayhu* — meu escravo, sem conseguir estabelecer uma conexão com o termo de Léry.

Mas, se então se desse ao incômodo de procurar no manuscrito do Vlb. existente na Biblioteca Nacional, o vocábulo tupi correspondente, teria achado *miausuba* — escravo. Empregado com o possessivo *xe*, *miausuba* exige o índice relativo dos participios em *mi*. Desta forma teremos *xe remiausuba*, que corresponde ao exemplo de Montoya *che remblayhu*, b.

Os tupinambás da Guanabara, segundo o testemunho de Léry, usavam a forma apocopada, de onde *xe remiausú*. É isto que Léry ouviu e que apareceria no seu livro, se não se intrometesse um c para confundir os nossos tupinistas até hoje. Como vemos, não se trata de forma aumentativa.

(21) A língua tupi não possui o fonema I, mas o r inicial dele se aproxima. Ainda hoje o línguajar do povo os confunde.

Léry também trocou *ouassou* por *ousou*, o que, neste caso, não é apenas estranho, mas lastimável, por ter dado motivo à deturpação do termo em outra obra. Nas edições do *Tratado Descritivo do Brasil*, de Gabriel Soares de Sousa, a comendar pela castigada, de 1851, aparece, no capítulo 140, parte II, o mesmo vocábulo *lericu*. Mas, ali Varnhagen castigou o termo, não de acordo com os códices examinados, mas pela sua cabeça, alterando o certo de Gabriel Soares por amor ao erro de Léry. Na primeira edição, de 1825, no mesmo capítulo aparecem os nomes de duas ostras: *Kerimasu* e *Kerimirim*, onde, por inadvertência ou pela semelhança das letras e falta de conhecimento do tupi, o R inicial foi trocado por K. Na edição de 1851, Varnhagen, em vez de simplesmente trocar as iniciais e *masu* no evidente *masu*, ainda converteu *dasú* em *usú*, escrevendo *leriusu*, que havia encontrado em Léry. Cometeu assim dois erros facilmente evitáveis. Quanto ao fonema I, Varnhagen não reparou que o seu uso estabelecia flagrante contradição com o capítulo 150 do mesmo *Tratado Descritivo*, onde se declara, que a língua dos tupinambás não possuía nem I, nem 1, nem r (forte ou dobrado), ou se o notou, deve ter-se estribado no próprio Gabriel Soares, que, no mesmo capítulo, ainda fala em outras ostras, chamadas *leripebas*. Vê-se por ai, tanto em Léry como em Gabriel Soares, a defeituosa apreensão do r inicial brando dos tupis pelos europeus. Introduziu-se, assim, no livro de Gabriel Soares, uma alteração, que se vem reproduzindo em todas as edições, a partir da de 1851. O que Gabriel Soares escreveu foi *Rerifusú* (*reriuagu*) ou seja em nossa grafia *rerigusú*, de perfeito acordo com o vocabulário jesuita.

Na nota 164 da tradução brasileira cita-se a suposta forma *iryry*, de Batista Caetano, atribuindo-se inconsideradamente a forma *ri*, registrada pelos jesuítas, à prontice dos colonos. Por outro lado, Batista Caetano, em seus comentários a Léry, alterou mal corretamente para *guasú* a forma *usú* empregada erradamente por Léry. O infeliz anotador da edição brasileira, entretanto, justamente neste ponto elementar da gramática tupi, entendeu repudiar o seu mestre de tóda hora, tornando a restabelecer o errôneo *usú* (p. 250).

(22) Léry diz, no capítulo 11, que o genérico para ave é *oura* (= *oyrá*), isto é, *gyryá* pelos ensinamentos jesuítas. O vocábulo aparece diversas vezes em compostos de Léry, inclusive neste mal transcrito *ourauh-ousou*, primeira parte de um nome de aldeia, que Léry traduz por pena grande de ave. Batista Caetano vê no termo uma alteração de *gyryá-guasú*, a que dá o sentido muito coerente de ave grande, mas que está em desacordo com o indicado por Léry. A tradução brasileira restaura *ourauh-ousou* por *uyrá-ok-usú*, isto é, casa grande de ave, mantendo porém, por mais incrível pareça, a tradução de Léry: pena grande!! (p. 255).

Ora, pena grande de ave, na grafia de Léry, é *ouraab-ousou*, que em nossa é *gyryá-ab-usú*, ou *gyryá-rab-usú*, de conformidade com os ensinamentos de Anchieta (fl. 9, linha 21 e 22).

Sabendo, que o h é aí inadmissível e, comparando *ourauh* com *ouraab*, che-se a impressão nítida, que Batista Caetano só não deu pela troca de ab por

pindo-oussou (fr. II. 143)	— pindob-usú	— pindoba grande; Mas, há uma variedade de pindoba, ainda hoje chama- da de <i>pindobuçu</i> (23);
soouar-oussou (fr. II. 129)	— soguer-usú	— folha grande caída (24);
tacouar-oussou (fr. II. 128/29)	— takuar-usú	— taquaruçu (25);
tapir-oussou (fr. I. 157/8, 161; II. 33, 125/6)	— tapiir-usú	— tapir, anta (26);
tau-oussou (fr. II. 134)	— tab-usú	— aldeia grande (27);
yguer-oussou (fr. II. 134)	— ygar-usú	— canoa grande, navio (28).

Término em "Asú"

talassou (fr. I. 160/61; II. 127)	— tafasú	— taiáçu, porco do mato (29).
--------------------------------------	----------	-------------------------------

uh, pelo pouco caso que fazia do tupi, falha que o impediu de assimilar os ensinamentos de Anchieta, sem os quais é arriscada qualquer análise de textos tupis.

(23) Veja o que dissemos a respeito desta palavra na nota 48, do capítulo dedicado aos aumentativos tupis contidos em Thevet.

Batista Caetano retifica acertadamente pindo por pindob nesta combinação (veja à p. 97 dos *Ensaios*), porque, mesmo no guarani antigo, palmeira grande é pindob-usú, segundo a lição de Montoya.

Infelizmente, o comentarista da edição brasileira prefere mais uma vez a forma errada pindó-usú (p. 268).

(24) João Staden (Parte I. cap. 51) já menciona uma aldeia, cujo morubixaba tinha esse nome, grafado ali Sowarasu. Note-se a divergência asú por usú. É estranhável que, nem com a tradução de Léry, Batista Caetano conseguisse reconstituir o legítimo vocábulo tupi, a que nos referimos exaustivamente na nota 17 do capítulo dedicado aos compostos com dasú/asú do livro de Staden.

Na tradução brasileira de Léry, a transcrição do vocabulário tupi se atém à reconstituição de Batista Caetano, com exceção do h inicial, que foi substituído por s (sob por hob) à p. 275.

Mas, incoerente como é, o comentarista desfaz a troca em sua nota 73, p. 273, e, o que é pior, admite asú, em lugar de usú empregado por Léry e mal acertadamente mantido por Batista Caetano. Ainda não satisfeito com esses contrassenso, transforma até a tradução latina de Léry, na mesma nota, quando a sua tarefa era tão só a restauração do texto tupi e zelar pela sua tradução.

(25) Léry tem saouarr-oussou (II. p. 128) e tau-couar-oussou (II. p. 129). No primeiro houve troca do t inicial por s, inadmissível no caso. No segundo vem tau por ta.

(26) O nome tapiira foi aplicado ao gado vacum, como já transparece em Léry (II. p. 125).

(27) Gaffarel tem tan, por tâu que vem na terceira edição francesa, mas ambas trazem oussou em lugar de oussou. O termo tomou naturalmente o sentido de cidade. A tradução brasileira, em vez de retificar o texto para tâu-usú, ou seja tab-usú, de acordo com o Vlb. impinge tava-usú, com flagrante desrespeito à eufonia tupi (p. 260).

(28) Ygarusú generalizou-se entre os tupis do leste para navio, enquanto os guaranis denominaram os veleiros de ygaratá e os maiores ygaratar-usú. Compare o que dissemos a esse respeito na última parte do capítulo O sufixo agente «ara», «ara» nas línguas tupi-guaranis, em nosso livro *Estudos tupis e tupi-guaranis*.

(29) Veja a nota 29 do capítulo dedicado neste estudo a João Staden.

V

O EMPRÉGO DAS FORMAS "GUASÚ, USU E ASÚ" NOS TRATADOS DE FERNÃO CARDIM

Quando, em 1583, Fernão Cardim encetou as suas andanças pelas capitâncias do Brasil, como secretário de Cristóvão de Gouveia, daria ao mesmo tempo os primeiros passos algo trôpegos na aprendizagem da língua brasílica.

Nos térmos indígenas, que recolheu diretamente da boca dos portuguêses e mestiços, parte já não era tupi de lei; aqui e ali consignaria palavras locais genuínas, mas discordantes do *Vlb.* dos jesuitas, pois este visando à uniformização da língua escrita (1), registrava de preferência, e, por assim dizer, oficializava das legítimas formas indígenas tão só as mais correntes dentre os principais dialetos tupis costeiros. Aparecem, assim, nos escritos iniciais de Cardim (2) formas como *amayacu* (3), *quaçú* (4), *guaiñumu* (5), *taepijguiri* (6) etc. que no *apógrafo posterior de Évora* vêm melhoradas para: *guamayacu* (7), *sugoaçu* (8), *guanhumig* (9) e *tapig-y-mirin* (10), mas onde, mesmo assim, ainda se notam pequenas divergências com o *Vlb.*

Outros vocábulos, como *canduaçu* (11) e *guaracigoba* (12) ficaram sem correção. Há também as incoerências gráficas, como *sugoaçu* ao lado de *suaçu-apara* (13) e até alterações para pior, como a de *beijupirá* (14) para *bigjupirá*, que são dois peixes completamente diferentes, como já deixamos bem claro em outro estudo (15).

(1) Tendência que se nota na época em vários países da Europa, posta em voga por diversos tradutores da Bíblia.

(2) Quanto às duas partes: *Do Clima e Terra do Brasil* e *Do Princípio e Origem dos Índios do Brasil*, os apógrafos que, se não correspondiam exatamente aos originais, deviam aproximar-se-lhes mais, foram certamente aqueles que serviram à tradução publicada por Samuel Purchas, na série *Haklutus Posthumus*, vol. IV, pp. 1289-1320, Londres, 1625, reproduzida, com algumas emendas, no vol. 16, pp. 417-503, da edição de Glasgow, em 1906.

(3) Purchas; vol. 16, p. 488.

(4) Ibidem; p. 450. Como de costume, o e não vem cedilhado.

(5) Ibidem; p. 491.

(6) Ibidem; p. 447.

(7) Tratados etc. p. 87. — Em vista de Rodolfo Garcia afirmar que nada alterou nos térmos tupis, fiamo-nos da sua grafia na edição de 1925.

(8) Ibidem; p. 36.

(9) Ibidem; p. 92.

(10) Ibid. p. 204. Mais claramente *tapyy-mirí*, em nossa grafia fonêmica.

(11) Purchas; p. 453. — Tratados; p. 40 — Veja a nota 32.

(12) Purchas; p. 462. — Tratados; p. 52. — Em lugar de *quaracigaoba* (= *kúarasyaoba*) — roupagem do sol. — Oba, em lugar de aoba, já é um exemplo das alterações introduzidas pela língua-geral dos mestiços e colonos.

(13) Onde veado tem duas formas tupis: *suacu* e *suguaçú*, das quais nenhum confere com o *Vlb.* que traz *cigguaçú* (= *sygħasú*).

(14) Purchas; p. 484. — Tratados; p. 81. A descrição corresponde ao *beijupirá*, aliás, *mbeju-pirá* em tupi, enquanto *bigjupirá*, aliás *myful-pirá*, segundo o *Vlb.* é o peixe voador, que Cardim refere à p. 86, entretanto, sem citar-lhe o nome tupi.

(15) Veja o verbete 25, *pirabíu*, em nosso estudo *Os Topônimos Indígenas do Rio de Janeiro Quinhentista*. In: Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Brasileiro; vol. 275, pp. 80-134.

Dando de barato uma série de erros de transcrição, ainda mesmo na cópia revista de Évora (16), podemos desde logo deduzir das observações precedentes que, na penúltima década do Quinhentos, o *Vlb.* talvez diferasse em alguns pontos dos exemplares hoje existentes, mas que, sem dúvida alguma, os conhecimentos de Cardim, no domínio do tupi, deviam comprehensivelmente ser limitados, por ocasião das suas viagens em companhia do pe. Gouveia e, ainda bem falhos quando, anos apóis, reviu os têrmos tupis citados nos seus primeiros relatos brasileiros.

Entretanto, nos dezoito aumentativos em *gûasú*, *usú*, e *asú*, apenas dois em *asú* merecem reparos: *canduaçu* e *suaçuapara*, como veremos na sua enumeração a seguir. Como Cardim certamente não os inventou, deviam ser formas locais, talvez do falar mestiço, segundo as tendências já bem pronunciadas em Gabriel Soares de Sousa.

Nas notas de Rodolfo Garcia muita restrição teríamos que fazer, principalmente às suas etimologias, se nestas linhas coubesse uma crítica geral. É que o seu *tupi* é quase todo haurido do vocabulário *guaraní*, de Batista Caetano de Almeida Nogueira. Impagável mesmo, como já dissemos alhures, é a sua tradução da frase tupi ocorrente à p. 339 dos *Tratados de Cardim* (17). É lastimável, que nunca se desse ao trabalho de recorrer ao vocabulário tupi dos jesuítas, do qual existe um apógrafo incompleto na Biblioteca Nacional.

Aumentativos em "gûasú", "usú" e "asú" nos Tratados de Cardim

I. Têrmos em «gûasú»

<i>Grafia nos apógrafos de Évora:</i>	<i>Grafia fonêmica segundo o Vlb:</i>	<i>Tradução:</i>
abaré-guaçú (p. 303)	— abaré-gûasú	— padre superior, prelado (18);
goembégoaçu (p. 75)	— gûembé-gûasú	— uma planta (19);

(16) Notemos: *pirambá* (p. 82) por *pirambú* (= *pirá-ambú*); *purá* (p. 88) por *puraquê*; *Guigratôteo* (p. 97) por *guigratôteo*; *pagnapopeba* (p. 102) por *inguapopeba*; *tucanugo* (p. 200) por *tucanuquê*; *guaranaguacu* (p. 201) por *guaianguacu* etc.

Excetuando alguns casos, a grafia dos nomes indígenas é mais correta nos apógrafos de Évora. Há também alterações, tanto cortes como acréscimos, entre o texto de Purchas e os de Évora. Capistrano indica algumas delas.

(17) Nota LXVI, p. 405.

(18) De acordo com o que ficou dito na nota 20, do capítulo II, separamos neste estudo o adjetivo *tupi* por um hífen em nossa grafia, respeitando, porém, a usada no Tratado da Terra e Gente do Brasil.

Abaré-gûasú é sinônimo de *pai-gûasú*. A respeito de abaré e de seu significado remeto-me à explicação um tanto nebulosa de Montoya, na Conquista Espiritual, § 14, p. 177 do vol. 6 dos *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro.

(19) Cardim registrou inicialmente *embeiguacu*, forma que vemos em *Purchas*, vol. 16, p. 479 (*embeiguacu*). *Gûembé-gûasú*, que aparece no apógrafo de Évora, comprova a alteração feita por Cardim depois da primeira redação.

Rodolfo Garcia repete a etimologia e definição de Batista Caetano. Entretanto, Melra Pena, no seu *Dicionário de Plantas Medicinais*, 3.^a ed. p. 158, refere-se à mesma planta, na grafia truncada de *embeiguaca*, como não classificada, embora lhe cite as características e aplicações. Em alguns léxicos encontra-se o mesmo término grafado, ainda erradamente, *embeiguacá*.

guaranaguaçu (p. 201)	— gúalañá-gúasú	— uma tribo (20);
guatapigguacú (p. 93)	— gúatapy-gúasú	— um búzio grande (21);
iequigttygoacú (p. 66)	— kytty-gúasú	— saboeiro (22);
maracaguacú (p. 202)	— maraká-gúasú	— uma tribo (23);
nhandugoacú (p. 56)	— nhandú	— ema (24);
paraguaçú (p. 102)	— pará-gúasú	— Paraguacú (25);
payguacú (p. 314)	— paí-gúasú	— padre superior, prelado (26);
suguaçú (p. 36)	— sy-gúasú	— veado (27).

II. Térmos em «usú»

camuçuyara (p. 201)	— kam-usú-iara	— uma tribo (28);
jaguarucú (p. 43)	— lagúá-rayr-usú	— cachorro do mato (29);
jararacucú (p. 47)	— iarak-ustú	— jararacucu;

(20) Em Purchas, I. ed. vem Guainaguacu, que a reimpressão de 1906, vol. 16, p. 446, alterou para Gualanaguacu. Guarana por guaihana deve ser erro de cópia.

(21) Gabriel Soares já traz, além da forma positiva *estapu*, a aumentativa *de tapu*, muito contrata pelos mestiços, mostrando a rapidez com que o léxico tupi se alterava na língua-geral.

Inacreditável, pelo desconhecimento dos princípios de gramática mais rudimentares que implica, é a etimologia de T. Sampaio, transcrita por Pirajá da Silve, nos comentários à sua edição do livro de Gabriel Soares (cap. 142).

(22) Marcgrave, p. 113, traz *quity* (=kyty) — pau de sabão. Parece que Cardim confundiu *kyty* — saboeiro com a forma verbal *leyktyka* — esfregar-se. Em Purchas, vol. 16, p. 473, vem *iequitim*, onde aparece a voz reflexiva do verbo *kyti* — cortar, fazendo presumir outra confusão anterior de Cardim. *Kyty-gúasú* seria uma espécie grande de saboeiro. Nos Tratados há na palavra ainda a troca de *tig* por *tiy*. *Ig* é a grafia anchieta para representar o i gutural tupi, valor que no correr do Seicentos foi atribuído pelos jesuitas ao y.

(23) Maracá Grande deve ter sido inicialmente nome de um maioral. Maracás conserva-se na Bahia como denominação de um município.

(24) Como Marcgrave, que utilizou as notas de um português convededor da língua brasílica do Nordeste, também designa a ema por *nhanduguacu*, o termo deve ali ter sido corrente; e, não apenas para ema, mas ainda para aranha *caranguejeira*. O Vlb. procurou eliminar possíveis confusões, reservando a palavra *nhandú* para designar a ema e o diminutivo *nhanduf* para as aranhas em geral, formas usuais na Bahia, segundo Gabriel Soares (cap. 78 e 118); mas, para as aranhas *caranguejetras* já traz *nhanduacu*, uma alteração da língua-geral por *nhandú-gúasú* em tupi.

(25) Embora a semântica de *pará* já se nos apresente bem confusa através da onomástica geográfica, parece que a tendência mais comum era dar a *pará* o sentido de rio extenso e a *pará-gúasú* o de rio extenso caudaloso. Note-se a divergência entre o tupi e o guarani.

(26) Veja a nota 18.

(27) O texto inglês (vol. 16, p. 450) tem *cuacu* ao lado de *cuacupara* (= *guacu* e *guacuapara*); enquanto o apógrafo de Évora, com *suguacu* e *suasquapara*, diverge no genérico de um para outro (*suguacu* e *suacu*). Em ambas as designações já temos formas secundárias, ou influência da língua-geral (dos mestiços), que se não quer confundida com o tupi, a língua brasílica original, cultivada e transmitida pelos jesuitas.

A forma tupi *syguasú* mostra que a etimologia espalhada por Batista Caetano e T. Sampaio é pura fantasia, nada tendo que ver com *sod* — animal, quadrúpede. Veja, no capítulo dedicado a Thevet, a nota 56.

(28) A palavra é composta de *Kama* — peito, seio, ustú — grande e *iara* — o que tem, dono, senhor, ou seja, no plural, os peitudos, designação que confere com a fantasiosa descrição, que nos transmitiu Cardim.

(29) Cardim aplica o mesmo nome a dois animais diversos. A p. 43 não foi muito exato no registro da palavra. O cachorro do mato, pelo seu tamanho não poderia ter sido designado por *lagúar-ustú* — onça grande. Literalmente o seu nome foi filho de onça e filho grande de onça, segundo ressalta dos termos tupis consignados no Vlb. dos jesuitas: *lagúá-rayra* e *lagúá-rayr-ustú*.

A p. 102, *lagúar-ustú* designa o cão d'água do Vlb. Quanto à descrição: «... maior que nenhum boi, tem dentes de grande palmo», Cardim foi vítima

tetigeçú (p. 73)
tucanuço (p. 200)

— letyk-usú
— tukan-usú

— batata de purga (30);
— uma tribo (31);

III. Términos em *castil*

canduaçú (p. 40)
suaguapara (p. 36)
tayaçú (p. 37)

— kûandú-gûasú
— sy-gûaçú-apara
— talasú

— ouriço-cacheiro (32);
— veado galheiro (33);
— queixada (34).

VII

AS FORMAS "GÛASÚ", "USÚ" E "ASÚ" NA ONOMÁSTICA DE GABRIEL SOARES DE SOUSA

Para compreendermos a rapidez com que o *tupi* se foi abastardando na *língua-geral*, basta comparar as formas assumidas pelos términos brasileiros da *Notícia*, de Gabriel Soares de Sousa com as correspondentes legítimas do *Vlb.* dos jesuítas, ou mesmo com as dos *Tratados* do cronista contemporâneo menos ortodoxo, o pe. Fernão Cardim.

Os lingüistas jesuítas iniciaram-se laboriosamente, com certo preparo e método, nas tabas indígenas segregadas, enquanto Gabriel Soares recolheu os nomes em ambiente de crescente mestiçagem, de elementos intermediários, no domínio da *língua-geral*, um tupi em franca dissolução. Este dialeto, fruto da fusão de duas raças, do contato de duas culturas, não deve ser confundido, como geralmente acontece, com o tupi, o legítimo linguajar dos índios, coordenado pelos jesuítas e por eles razoavelmente registrado com as indispensáveis ampliações semânticas, perfilhadas, a seu modo, pelos próprios indígenas, premidos pela necessidade de enunciar conceitos novos, inerentes à cultura forasteira.

Alentada série de estropiamentos praticados nos vocábulos tupis do livro de Gabriel Soares já ressaltarmos no estudo *Os tupinismos do "Tratado Descritivo"*, de Gabriel Soares de Sousa, nossa perfunctoria contribuição ao *Quarto Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros*, Bahia,

da sua credulidade. Aliás, Gabriel Soares fornece versão aproximada, no cap. 96 da II. parte. Pelo que informa o *Vocabulário Português-Brasileiro*, no Norte davam ao mesmo animal o nome de *sab-usú* — pélo grande. No comentário de Rodolfo Garcia note-se mais uma vez o desconhecimento das regras do emprégo de *gûasú*/*usú* no tupi.

(80) Rodolfo Garcia retificou a inicial *T* por *I*, mas não atinou com a composição da palavra tupi, cujo sentido literal é batata grande. Temos aí *usú* e não *pukú*.

(31) Purchas, vol. 16, p. 445, corrigiu a grafia da I. edição para *tucanuçu* (= *tukan-usú*), que deve corresponder provavelmente ao nome de certo tubixaba e se traduz por tucano grande, ou seja, a espécie maior.

(32) Cardim escreveu *candu*, enquanto Marcgrave tem *cuandu*. Mais recentes são as formas *guandu* e *gându*, que ocorrem na onomástica geográfica. Note-se que no *Vlb.* dos jesuítas só figura o termo tupi *kuiñ* para *ouriço-cacheiro*. Em oposição a estes autores, Gabriel Soares (Parte II. cap. 108) vê animais distintos em *kuandu* e *kuiñ*. O mesmo ainda parece ter sido verificado por Tastevin no *nheengatu*.

(33) Compare as notas 13 e 27.

(34) Veja a nota 29 do capítulo II, relativo a João Staden.

1959. Muitos outros poderíamos aqui registrar, se coubessem nesta apreciação restrita de um adjetivo isolado. Entretanto, ainda assim, quanta alteração se operou em seu emprêgo no curto espaço de quatro décadas incompletas!

A forma *gúasú* praticamente cedeu o seu legítimo lugar ao espúrio *asú*, enquanto *usú*, salvo raras exceções, conseguiu manter a sua prerrogativa. Essa verificação é muito interessante, por comprovar, na quase desconhecida *Língua-geral do Leste*, a manutenção da forma *usú* ao lado da mudança de *gúasú* em *asú*, enquanto na *Língua-geral do Norte*, no *brasiliano*, *usú* alterado em *osú* assume preponderância quase absoluta até o fim do século dezoito. Daí por diante, no curso do desenvolvimento da *língua-geral moderna* do Amazonas, do *nheengatu*, *osú* foi nela tão radicalmente substituído por *asú*, como *gúasú* o fôra na *Língua-geral do Leste*, desde o Quinhentos.

O escrúpulo daqueles que acham duvidosas algumas das retificações de Varnhagen, não tem aqui razão de ser. Quaisquer alterações que venham a ser impostas por uma possível edição crítica, pouco modificarão a parte adjetival dos aumentativos tupis do nosso estudo.

Varnhagen não era versado em tupi ao elaborar as suas *Reflexões Críticas*. A gramática de Anchieta e a de Figueira ser-lhe-iam, pois, de reduzida utilidade diante do contraditório *Dicionário Português e Brasiliiano*. Valeu-se principalmente de velhos tratados e, à última hora, dos estudos comparativos de três apógrafos da obra de Gabriel Soares, que pôde consultar. Doze anos após o aparecimento das *Reflexões Críticas*, de 1839, publicou uma nova edição da *Notícia do Brasil*, mudando-lhe o título para *Tratado Descritivo do Brasil em 1587* e, à sua morte, deixou novas emendas e adições, que foram aproveitadas na reimpressão de 1879. Nela o *u* final em *açu*, *guacu* e *uçu* tem acento agudo, que suprimimos, de acordo com a ortografia atual.

Palavras em "Asú"

Parte II. <i>Grafia na edição de 1879</i>	<i>Forma tupi, grafia fonêmica</i>	<i>Tradução portuguesa</i>
cap. 83 — ageruaçu	— aiurú-gúasú	— um papagaio (1);
cap. 89 — atiagu	— ti-gúasú	— alma-de-gato (2);
cap. 78 — cabureagu	— kaburé-gúasú	— uma coruja (3);
cap. 27 — igaragu	— Ygar-usú	— Igaracu (4);

(1) É, segundo Pirajá, o chamado Amazona Farinosa, o nosso moleiro. Note-se a grande alteração do vocábulo tupi na boca dos colonos e mestiços, em poucas décadas. A edição de 1825 tem *ageruetecu*.

(2) A tradução literal é bico-grande. *Ti-gúasú* tem sido confundido com *ating-usú*, que no tupi designa as galvotas. A ed. de 1825 traz *atibaçu*.

(3) Só figuram no Vlb. os compostos *kaburé-yba* e *kaburé-yb-ysyka* — a árvore *cabureiba* e o seu bálsamo. Na ed. de 1825 vem *cabuleazu*.

(4) Generalizou-se na onomástica geográfica a forma *Igaracu* em lugar de *igaruçu*. O significado canoa grande foi aplicado pelos tupis ao navio. Em guarani navio é *ygaratá*. O apógrafo reproduzido pela ed. de 1825 tem *igoaraçu*.

cap. 81 — jacuaçu	— iakú-guású	— um jacu (5);
cap. 72 — jucuriaçu	— ?	— uma árvore (6);
cap. 84 — matuim-açu	— matui-guású	— uma ave (7);
cap. 118 — nhanduaçu	— nhandú-guású	— aranha caranguejeira (8);
cap. 93 — nhatium-açu	— nhatiú-guású	— mosquito pernilongo (9);
cap. 142 — oapuaguá	— guatapy-guású	— um búzio (10);
cap. 97 — suaçu	— syguású	— veado (11);
cap. 69 — suaçucanga	— ?	— pau-marfim (12);
cap. 97 — suaçupara	— syguású-apara	— veado-galheiro (13);
cap. 100 — tajaçu	— talasú	— um porco-do-mato (14);
cap. 100 — tajaqueté	— talasú-eté	— queixada (15);
cap. 100 — tajaçutirica	— talasú-tirika	— um porco-do-mato; o queixada ruivo (16);
cap. 102 — tatu-açu	— tatuí-guású	— tatuçu (17);
cap. 114 — tijuacuá	— telú-guású	— teliuacuá;
cap. 124 — tungaçu	— tung-usú	— pulga.

Palavras em "Usú" e "Osú"

Parte II.

cap. 136 — aimoreoçu — amoré-guású — amoré-guaçu (18);

(5) A descrição de Gabriel Soares não coincide com a de Ihering (*Dicionário dos Animais*). Pirajá também o não identificou. Jacoaçu é o que se lê na ed. de 1825.

(6) Não figura no Vlb. O editor de 1825 leu jucuriasu.

(7) Não figura no Vlb. A ed. de 1825 tem matuimasce.

(8) No Vlb. só ocorre o genérico nhanduá para aranha. Mas em Marcgrave encontra-se nhanduguacuá, designando tanto a ema quanto a aranha caranguejeira. Namduacuá é a grafia na ed. de 1825.

(9) O Vlb. só registra a forma nhatiú para os pernilongos, que Gabriel Soares divide em duas espécies de tamanhos diferentes. O i da sua grafia inhatium é protético. Jatium parece hoje a pronúncia mais corrente entre o povo. A ed. de 1825 traz nhabruasuá.

(10) O capítulo dos búzios menciona algumas formas estranhamente alteradas e contrárias. O Vlb. só registra guatapy. A etimologia de T. Sampaio, i atã, por sati etc., perfilhada por Pirajá, mostra singular desconhecimento do tupi. Na ed. de 1825 aparece o estranho aleijão jatetaosu. Compare o mesmo verbete em Cardim.

(11) A mesma forma é usada por Thevet. Veja, no capítulo dedicado a este, a nota 56 e a de 27 no de Cardim.

(12) A tradução literal do termo é esso de veado; mas, lembramos que pode, neste composto, haver certo contato recente entre suaçu e soó-guású através da forma intermediária, de Cardim: su-guaçu. O marfim bruto, matéria prima nova para os índios, foi designado, de acordo com a procedência, pelo neologismo soó-guású-rigüera — o que foi dente de animal grande. Se de fato foi essa a origem, o nome indígena da árvore seria recente. A forma tupi correta do termo de Gabriel Soares passaria a ser, num caso, sy-guású-kanga e, no outro, soó-guású-kanga.

(13) Note-se a queda do a inicial no adjetivo apara. Na ed. de 1825 aparece junquapara.

(14) Veja a nota 29, no capítulo de João Staden e compare as notas de Pirajá na sua edição de Gabriel Soares.

(15) É a espécie maior do porco-do-mato; em tradução literal, o porco-do-mato por excelência. A ed. de 1825 traz tajasuetu.

(16) A ed. de 1825 tem tajasutiraqua. Tirika é crepitante, estalante. (17) No Vlb. não ocorre o verbete. Em tupi o correspondente seria tatú-guású. Em português tatuacuá é sinônimo de tatu-canasta. Na ed. de 1825 vem jatusauá.

(18) As moréias-do-mangue, têm nomes muito variados, como se pode ver no *Vocabulário de Ictiologia*, de Alberto Vasconcelos, verbete amoré. O Vlb. só tem

cap. 71 — copaubaçu	— kopayb-usú	— gameleira branca (19);
cap. 91 — capueruçu	— kopúer-usú	— uma abelha grande;
cap. 84 — carabuçu	— ?	— uma garceta (20);
cap. 59 — caraobuçu	— ?	— carobuçu (21);
cap. 68 — enviroçu	— ybyr-usú	— imbiruçu (22);

Parte I.

cap. 14 — igarugu	— ygar-usú	— navio (23);
-------------------	------------	---------------

Parte II.

cap. 96 — jaguaracangoçu	— lagúar-akang- -usú	— canguçu (24);
cap. 96 — jagaruçu	— lagúar-usú	— uma onça (25);
cap. 61 — jeticuçu	— fetyk-usú	— batata-de-purga;
cap. 55 — pindobuçu	— pindob-usú	— pindobuçu (26);
cap. 44 — taiobuçu	— tafiaob-usú	— taioba (brava);
cap. 94 — tapiruçu	— tapiir-eté	— tapir, anta (27);
cap. 142 — tapuçu	— gúatapy	— um búzio grande (28);
cap. 133 — timuçu	— timukú	— peixe-agulha (29).

o verbete amore, correspondente a aimoré, de Gabriel Soares. Marcgrave descreve o amore-guasú à p. 166. Note-se a substituição de guasú, única forma admissível no tupi após vogal acentuada, por osú, que vemos predominar no brasiliano. Na edição de 1825 temos amiroxos.

(19) A ed. de 1825 traz cobambuca.

(20) Não vem mencionada, nem no Vlb. nem por Marcgrave. A ed. de 1825 tem carabau.

(21) Segundo a descrição de Pirajá, o nome tupi seria kaá-rob-usú — grande planta amargosa.

(22) Nenhuma das etimologias transcritas por Pirajá é admissível; devem ser substituídas por: ybyra — estopa, fibra, fibroso, e, yba — haste, tronco, o que dá pau-de-estopa, pau fibroso.

(23) Ygar-usú é a forma correta, que na onomástica geográfica cedeu o lugar à bastarda Ygar-asú, de onde Igaragu. O sentido literal é canoa-grande, navio. Veja a nota 4.

(24) É uma onça pintada. O tamanho indicado por Gabriel Soares não confere com o da onça, que hoje em dia se chama canguçu. A tradução literal é onça cabeça grande, onça cabequida.

(25) Pirajá pensa tratar-se da onça preta, com atributos fantásticos. Fernão Cardim, também de outiva, refere-se ao mesmo animal, à p. 102, mas à p. 43, descrevendo o cachorro-do-mato, dá-lhe o mesmo nome de lagúar-usú. No Vlb. não encontramos o termo.

(26) Não designa apenas as folhas novas fechadas, mas também certa variedade de pindoba. Veja o que expendemos a respeito na nota 48, do capítulo dedicado aos aumentativos em Thevet.

(27) A forma primitiva deve ter sido tapiira, sem qualificativo (Anchieta). Quando os tupis transferiram o nome ao gado vacum, a anta passou a ser designada por tapiir-eté — tapir legítimo (Cardim, Marcgrave) e o boi ou a vaca por tapiir-usú (Vlb.). A forma tapira usada por Pirajá não é correta. Na ed. de 1825 vem taparuçu.

(28) O aumentativo é gúatapy-guasú. As denominações de Gabriel Soares para búzios já são muito estropiadas e as etimologias perfilhadas por Pirajá de todo inaceitáveis. Na ed. de 1825 papesi.

(29) Pirajá deixou-se enganar pela grafia da edição de 1879, aceitando a forma timuçu, que não existe. Varnhagen, em suas Reflexões Críticas, cita o termo correto: timueu, de *fi* — mariz, fochinho, bico, e puku (que faz muku depois de fonemas nasais) — longo, ou seja fochinho longo, nome aplicado não apenas ao peixe-agulha, mas ainda ao gorgulho, que tem a mesma característica. Pukú (*mukú*) — longo, comprido, alto, não se confunde com guasú, usú, que é grande e ao mesmo tempo grosso. Na ed. de 1825 lê-se timoem. Em resumo, timukú não cabe entre os aumentativos em usú.

Palavra em "Gûasú"

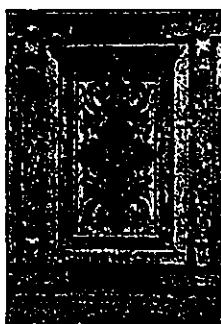
cap. 25 e seg. — paraguaçu — pará-gûasú — Paraguaçu (30).

Palavras em "Uasú"

cap. 145 — potiuacu — poti-gûasú — pitu, um camarão

cap. 85 — uraoacu — gûyrá-gûasú — grande (31);
— caracará preto (32).

(continua)



(30) Paraguaçu designava no tupi não apenas o maior rio que deságua na Bahia de Todos os Santos, mas o próprio lagamar tomado por seu estuário. O que admira é que até baianos possam defender a etimologia de mar grande, como se um rio, ou mesmo a majestosa Bahia pudesse figurar de mar grande em face da imensidão do Atlântico, ainda mesmo que, em tupi, pará significasse mar. Em nossa onomástica geográfica antiga, pará se aplica aos rios extensos, de onde se deduz, que paraguaçu corresponde a rio extenso caudaloso.

(31) Na edição de 1825: portinacu.

(32) Gûyrá-gûasú, em sentido literal ave grande, é o genérico das aves de rapina. Em tupi caracará preto deve ter tido um nome específico. Na edição de 1825 vem uraoacu.